

Luis Fernando Laranja
Coordenador da WWF

“Trocar floresta por boi é um péssimo negócio”

por Bruno Blecher

DOIS A três anos atrás, falar em ONG em uma roda de agricultores e pecuaristas era comprar brigar feia. Ambientalista no meio rural era visto como inimigo, um sujeito que só come verdura, protege onça pintada e gosta de fazer barulho. Mas as coisas mudaram, principalmente depois que o mundo se deu conta dos riscos do aquecimento global. Prova disso foi o histórico compromisso da Moratória da Soja, que uniu a indústria de óleos vegetais, os agricultores, a Abag, e algumas organizações ambientalistas de prestígio como a WWF e o Greenpeace, todos em defesa da preservação da floresta.

Um dos articuladores desse acordo foi o médico veterinário Luis Fernando Laranja, coordenador do Programa de Agricultura e Meio Ambiente da WWF (World Wildlife Fund), que nos últimos anos tem viajado pelo Brasil e pelo mundo afora para defender a Amazônia.

“Nós aqui na WWF temos um projeto grande, o Brasil 2020, que se propõe a pensar as possibilidades de expansão ou dinâmica do uso da terra no País. Nós queremos a melhor ciência possível, os melhores técnicos para nos ajudar a pensar como expandir a agricultura brasileira de forma sustentável e lucrativa”, diz Laranja.

AGROANALYSIS Como é que um médico veterinário, especialista em produção de leite e professor da USP, de repente se transforma em “eco-chato” e executivo da WWF?

LUIS FERNANDO LARANJA Sempre participei do movimento ambientalista, desde a minha adolescência em Porto Alegre, isso na

década de 80. Naquela época existia um movimento muito forte. Eu participava dos movimentos que o professor Lutzemborg encabeçava em Porto Alegre. Depois eu fiz veterinária e vim para São Paulo, onde iniciei uma carreira acadêmica. Fiz o mestrado na Esalq e, logo em seguida, entrei na USP e lá defendi meu doutorado na área de pecuária de leite. Terminei o meu doutorado e fui fazer um pós-doutorado nos EUA. Dos EUA, fui direto para Cuba, onde fiz um curso de especialização em pecuária tropical. Quando voltei, decidi retomar a questão ambiental. Isso foi em 1999, quando eu comecei a fazer o curso de formação e liderança em meio ambiente de uma organização que tem sede na Inglaterra. Foi um curso interessante, de dois anos, que me deu a oportunidade de viajar pelo mundo afora.

AGROANALYSIS Aí nasceu o “eco-chato”?

LARANJA [risos] O que me chamou muito a atenção nesse período é que em todos os lugares em que eu ia fora do País, falava-se muito da Amazônia. Isso consolidou na minha cabeça a idéia de que a Amazônia é um ativo do mundo. Eu também acho que a Amazônia é um patrimônio do mundo, que precisa ser preservada, mas em compensação nós temos que ter um uso econômico, ou seja, alguém, no mínimo, tem que pagar para aquele negócio ficar lá.

AGROANALYSIS Mas nessa época você estava no exterior, bem longe da Amazônia.

LARANJA Nesse meio tempo, eu tive a idéia de ir para Amazônia. Cansei da carreira

acadêmica, fazia dez anos que eu estava na USP. Fui para a Amazônia em janeiro de 2001. Mas aqui eu quero abrir um parentese. Nós precisamos refletir sobre a pesquisa acadêmica no Brasil. Na USP nós trabalhávamos com o que tinha de vanguarda em termos de desenvolvimento científico-tecnológico no País. A USP é um espetáculo, só tem pessoas gabaritadas, só que, a partir de um determinado momento, eu comecei a questionar o quanto daquela ciência que nós produzíamos dentro das unidades se espalhava para a sociedade e, particularmente, dentro da área em que eu atuava, na época a pecuária de leite. Tínhamos e temos índices de produtividade absurdamente baixos. Naquela época a qualidade do leite era lamentável. Hoje melhorou muito, mas o fato é que não era por meio das pesquisas de ponta que nós iríamos melhorar a estrutura do setor. A estrutura do setor não melhorava, talvez muito mais por um problema de falta de extensão rural, de comunicação. Nós tínhamos um estoque de tecnologia armazenado dentro da universidade que dava para multiplicar a produtividade de leite por dez.

AGROANALYSIS E o que faltava para levar esse conhecimento ao campo?

LARANJA Foi muito interessante, porque numa reunião na reitoria, em que tinha várias pessoas, eu pedi a palavra e fiz um discurso. Eu disse que os muros da USP eram muito altos, e fora de brincadeira, teve gente que saiu da reunião para ver o tamanho dos muros [risos]. O que é interessante é que a partir dessa reflexão, nós decidimos criar uma ONG para trabalhar com educação rural, a Ouro Verde, porque nós achávamos que muito mais importante que desenvolver tecnologias novas é pegar aquelas que nós já tínhamos na universidade e repassá-las.

AGROANALYSIS Como funcionou isso na prática?

LARANJA O processo que nós criamos era focado mais na educação que em tecnologia. Eu fui para Alta Floresta, em Mato Grosso, para montar lá o instituto.

Resumindo muito uma história longa: hoje, o instituto está consolidado e conta com 20 pessoas trabalhando em diversas comunidades na Amazônia, muitas delas com produção de leite. Um resultado extraordinário. Temos um convênio com o Ministério do Desenvolvimento Agrário, com algumas empresas privadas, com outros órgãos do governo. Paralelamente a isso, eu também montei os meus negócios particulares. Eu tenho uma indústria de beneficiamento de castanha-do-pará. É uma empresa de cunho tecnológico, que mantém convênio com a USP para desenvolver produtos que envolvem a castanha e a farinha de castanha. Na semana passada, nós fizemos a primeira exportação. Vendemos nossos produtos para todos os supermercados aqui de São Paulo. A nossa fábrica é em Alta Floresta e já temos uma filial de beneficiamento final em Piracicaba.

AGROANALYSIS O militante ambientalista virou um homem de negócios na Amazônia

LARANJA Com essas coisas todas, eu acabei me envolvendo cada vez mais com a questão ambiental. Passei a estudar muito a Amazônia, até porque nós tínhamos a maior parte dos projetos do Instituto Ouro Verde inserida no contexto da Amazônia. Então, eu passei esse tempo todo não só estudando a Amazônia, mas convivendo lá, com os moradores locais, na fronteira agrícola, em Alta Floresta. Ao mesmo tempo em que eu coordenava uma ONG, eu participava do Sindicato Rural. Assim, eu consegui entender a perspectiva do sujeito que tem uma fazenda lá e só pode abrir 20% de sua terra, porque a lei não deixa desmatar mais que isso. Eu acho muito bacana se a gente conseguir preservar 80% de reserva legal na Amazônia, mas eu também acho que alguém tem que ser remunerado por isso. A Amazônia é um ativo global, não pode ser sustentada por poucos indivíduos. Eu posso falar com tranquilidade hoje, porque eu sei o quanto vale a floresta em pé, porque os meus negócios privados me permitem ganhar com a floresta. A castanha-do-



Luis Fernando Laranja com crianças da etnia Zoró

“ Nós estamos aqui em São Paulo, respirando este ar sujo, e tem um índio, lá na Amazônia, guardando 1 milhão de hectares de floresta. Ninguém paga R\$ 1 para ele!”

pará, que é um alimento nobilíssimo, tem um grande valor agregado. O quilo da nossa castanha vale R\$ 14, ou seja, muito mais que a cana e do que a soja.

AGROANALYSIS Quantas pessoas estão envolvidas nessa atividade?

LARANJA É uma cadeia de produção que tem uma geração de emprego espetacular, porque você gera renda para o agricultor pequeno, que é o mais vulnerável da floresta, que está trocando seis por meia dúzia. E também para comunidades tradicionais. Hoje nós atendemos

a comunidades indígenas no oeste de Mato Grosso. Nós estamos falando de uma comunidade de 2.300 pessoas que têm 1 milhão de hectares. Esses caras são os guardiões do patrimônio global. Nós estamos aqui em São Paulo, respirando este ar sujo, e o índio, lá na Amazônia, está guardando 1 milhão de hectares de floresta. E ninguém paga R\$ 1 para ele! O mesmo raciocínio que eu faço com o fazendeiro de Alta Floresta, que está guardando parte da propriedade dele como reserva legal, sem ganhar um tostão. Tenho refletido muito sobre isso, porque

eu fui contratado pelas Nações Unidas para dar consultoria a esses grupos indígenas. Ou seja, hoje sou um consultor de *business* de índio.

AGROANALYSIS E como é a sua relação com os pecuaristas da Amazônia?

LARANJA A minha empresa de castanha ganhou uma série de prêmios, muitos deles internacionais. Aí o pessoal de lá começou a ficar curioso. Muitos deles, amigos meus, pecuaristas, começaram a visitar a indústria. Mas era muito engraçado, porque o sujeito chegava lá de chapelão e bota, assim na defensiva, e a gente mostrava a indústria, os processos de produção. Lá nós temos caixas de 20 quilos de castanha, que vendemos a granel, embaladas à vácuo. É um tijolão de castanha, que a gente vende para os supermercados. Então, no final da visita, eu perguntava para os pecuaristas se eles sabiam quanto valia a caixa de 20 quilos de castanha, que nós produzimos sem derrubar uma árvore. Eu dizia ao pecuarista: esta caixa aqui é o meu bezerro, vale mais ou menos uns R\$ 300, e o sujeito arregalava o olho, não acreditava.

AGROANALYSIS Você hoje dá palestras para mostrar como a questão ambiental pode destruir ou ajudar o seu negócio.

LARANJA Eu procurei construir uma palestra que mostra o antagonismo entre duas percepções da questão ambiental: o risco ou a oportunidade. Você pode escolher a opção. A questão ambiental pode a) destruir o seu negócio; b) manchar a imagem do seu negócio e c) ajudar o seu negócio.

AGROANALYSIS O exemplo da carne bovina é emblemático. As notícias sobre desmatamento da Amazônia, por conta do avanço da pecuária, podem destruir a imagem do produto brasileiro lá fora.

LARANJA Exatamente. Nós não nos qualificamos para fazer um sistema consistente. Efetivamente, a rastreabilidade da carne bovina no Brasil tem falhas, e não estou falando da questão ambiental, mas da questão sanitária. Quando entrar em pauta a questão ambiental, a imagem do produto brasileiro será prejudicada. Não

dá pra negar que a fronteira agrícola da Amazônia é aberta na pata de boi, o que eu acho uma incoerência. Acho que nós estamos trocando ativos bons por ruins. É só fazer a conta. Veja quanto me rende a castanha. Acho que é um péssimo negócio trocar a floresta por boi, mas é uma questão complexa. Se eu estivesse na indústria da carne bovina brasileira, hoje eu estaria muito preocupado. Imagina uma cadeia produtiva que tem 60 milhões de hectares no miolo da Amazônia. O negócio é gravíssimo.

“ Eu dizia para o pecuarista: esta caixa de 20 quilos de castanha é o meu bezerro, vale mais ou menos uns R\$ 300, e o sujeito arregalava o olho ”

AGROANALYSIS E dá para produzir carne sem destruir a Amazônia?

LARANJA Dá para produzir muita carne. Eu faço uma conta básica: a área total de produção agropecuária do Brasil é de 260 milhões de hectares, disso são 200 milhões de hectares da pecuária e 60 milhões da agricultura. Desses, em primeiro lugar está a soja (22 milhões), em segundo o milho, com 13 milhões, em

terceiro a cana, com 8 milhões. Todas as culturas agrícolas do Brasil representam 60 milhões de hectares. Só a pecuária dá 200 milhões, e a turma desce o porrete na cana. Dizem que a cana está destruindo a floresta, o cerrado. Mas o que são 8 milhões de hectares para o Brasil? Nada. Em compensação, nós temos 200 milhões de hectares ocupados pela pecuária, com uma produtividade de uma cabeça por hectare/ano. Fazendo uma conta grosseira, totalmente favorável à pecuária, vamos partir do pressuposto que um boi ganha 300 gramas por dia, 365 dias por ano. São 100 quilos de peso vivo por hectare por ano, 50 quilos de carcaça por hectare por ano, se desossar a carcaça dá 20% de osso. Quer dizer, se nós aumentássemos a produtividade da pecuária de uma cabeça para 1,1, que é nada, nós estaríamos ganhando 20 milhões de hectares. Agora, imagina se a gente passar de 1 para 1,5 cabeça por hectare? Aí, nós estamos falando de um excedente de 100 milhões de hectares. A nossa lógica é conseguirmos ter um planejamento macro, sem derrubar um pedaço de pau da Amazônia.

AGROANALYSIS O pessoal de Mato Grosso diz que é tudo exagero. Não há desmatamento na Amazônia.

LARANJA Eu acho que é um desserviço para o Brasil o que eles estão fazendo em Mato Grosso. Eu tenho uma profunda estima e admiração pelo Blairo Maggi [governador de Mato Grosso]. Acho que ele é um governador competente. Mas, nessa questão do desmatamento, ele está errado, porque ele está criticando um sistema de monitoramento de desmatamento que é um ativo do País, que é referência mundial. Nós temos o melhor sistema de monitoramento, a gente está falando do Inpe, que é uma instituição respeitadíssima. Nós estamos exportando tecnologia de monitoramento de floresta por satélite. Eu sou um acadêmico, um cientista não é infalível, os erros acontecem. O Inpe começou com um erro técnico de monitoramento de desmatamento no mês de setembro. Mas isso acontece em todos os lugares, até com a NASA. ■